

VERGÍLIO FERREIRA

OBRA COMPLETA

CÂNTICO FINAL

ROMANCE



QUETZAL

*À Josette
e
ao Alberto Silva.*

Por uma manhã breve de Dezembro, um homem subia de automóvel uma estrada de montanha. Manhã fina, linear. O homem parou um pouco, enquanto o motor arrefecia, e olhou em volta, fadado. Aqui estou. Regressado de tudo. Pelo vale extenso até a um limite de neblina, viam-se aqui e além indícios brancos de aldeias, brilhando ao sol. Que dia é hoje? Pelos campos perpassava uma alegria estranha, talvez do sol e daquele fundo silêncio a toda a volta, sem uma voz repentina das que sobem e vibram nas manhãs de trabalho. E de súbito lembrou-se: para o fundo do vale, ouviu o dobre dos sinos do Freixo. Manhã de domingo, manhã de infância, sinos de outrora. Correntes misteriosas de vento traziam as suas vozes, enchiam delas o espaço, diluíam-nas em distância. Outras vezes atiravam-nas contra a massa da montanha, traziam-lhes o eco de longe, e todo o ar estremecia de memória. Vozes de sinos antigos, vozes do tempo, súbito alarme de que fascinação?

— Salve-o Deus.

O homem despertou. Pôs o carro em andamento e em breve, numa curva de pinheiros, toda a aldeia se lhe ergueu em

frente. Velha aldeia. Boa aldeia. Reconfortava olhá-la de novo, na resignação do silêncio, fascinava-o reaprender a vertigem das eras naquelas casas negras, na gente espectral escurecida dos séculos. Morava na proeminência de um cerro, suspenso do abismo, num extremo da povoação. Lá estava ao pé a capela abandonada da Senhora da Noite. Estranho nome. Era uma vulgar Imaculada com meia-lua e estrelas, pintada grosseiramente no tecto, e agora quase apagada da humidade e do caruncho. Mas o povo chamava-lhe a «Senhora da Noite». Talvez pela lua e pelas estrelas ou apenas porque a invocavam outrora nos caminhos da montanha, aos quais, ali no topo do cerro, parecia presidir.

Frente à velha casa, no automóvel parado, o homem recordava. Há quantos anos?

Terminado o curso superior, entrara num liceu de Lisboa, como professor de Desenho. Profissão «pequena», com qualquer coisa de mesquinho, de lamentável. Conhecia-se à légua o professor: ordeiro, submisso, de pasta na mão, com um ar restrito de clérigo...

— Porque não és só pintor? — perguntara-lhe um dia alguém.

— Preciso de comer.

Talvez não fosse a razão. «Merecerei eu isso mesmo: ser só pintor?» Nenhum *Catedrático da Opinião* tivera jamais para ele uma palavra de apreço. E Mário admitia, sem custo, que era um «pintor medíocre», um «epígono»... Somente, mais forte que o parecer dos catedráticos, mais forte do que os seus próprios desânimos, quando se sentia vexado, não bem por ter «falhado», mas por um pouco lhe parecer que tinha mentido aos outros, por se ter julgado e dito capaz, e sem razão para isso, mais forte do que os súbitos entusiasmos quando *via* que tinha

afinal alguma coisa a dizer — era essa profunda consubstanciação com o seu sangue da necessidade de pintar, era o sentir que o seu destino, o seu modo de ser, o seu modo de estar vivo era pintar, habitar o mundo da transfiguração, do sonho que lhe moldava os ossos, as vísceras. O resto, ser «mediocre» ou «genial», já não era com ele, mas apenas com os catálogos, os ficheiros dos outros, dos burocratas. «*Pilriteiro que dás pilritos, / porque não dás coisa boa?*» Não se escolhe um destino, como não se escolhe a cor dos olhos ou do cabelo. Pintava «mediocrementemente», como outros eram desgraçados ou até talvez assassinos...

Quando a guerra estalou, estava em Lisboa, era já professor «auxiliar» havia anos. Oh, essa guerra da esperança, da «violência da esperança». Foi justamente quando a guerra acabou que lhe apareceram três vagas de «efectivo» para a província. Uma na Guarda, a dois passos da aldeia. E o velho pai escrevera-lhe:

— Vem. Só te temos a ti.

A mãe nada dissera. Mas o seu silêncio grave era tão acusador como a súplica do pai. Concorreu, foi admitido. E durante dois anos, todas as tardes de sábado, a camioneta da carreira deixava-o à beira de um caminho, onde alguém o esperava. A cavalo ou a pé, subia então com a noite até à aldeia, levando muitas vezes consigo uma tela, pincéis. Talvez ela viesse, a boa Arte, ali, ao mundo original da sua aparição. (E ela vinha, por vezes, nas noites ferozes de Inverno, nas gigantescas manhãs de Verão.)

— Chegas — dizia-lhe o pai —, nunca tens nada a contar.

Bom velho. Querias a história do teu sonho de horizontes, de contos fantásticos —, essa forma primeira de transcender o imediato, em todas as idades da infância... Pouco saía da aldeia, o pai. Por isso, tudo o que era adivinhado para lá do grande ermo, ampliava-se-lhe ali, na desolação da distância, em mistério e maravilha. E Mário às vezes contava. Histórias pequenas do

liceu, dos filmes que vira, coisas mesmo da sua arte. O velho ouvia-o intensamente, interpunha perguntas, alargava o mistério do desconhecido. Só a mãe parecia desinteressada de tudo. («Tens a tua verdade, boa velha. Verdade de origem, carnal, desde o filho que te nasceu. Verdade perfeita.») Mal falava. Não perguntava nada, abismada no silêncio de tudo, como uma presença absoluta. E enérgica, corajosa, contra a dor ou a alegria.

Ficavam os três até tarde, no Inverno, à mesa, após o jantar, conversando entre si, com o rumor grande da ribeira, conversando com o tempo. Ou sentavam-se na varanda, pelas estuantes noites de Verão, sob a grande paz de um céu de estrelas, ouvindo essa música irreal dos grilos, que lucilava pelos campos como um reflexo do céu. Depois os pais deitavam-se e Mário ficava ainda. Gostava de se sentir mergulhado no universo inicial, frente ao sinal do limiar da vida, na solidão dos astros, na memória do vento. Acendia um cigarro, deitava-se, virado para a noite. Era belo e inquietante olhar o bulício das estrelas, a grande Lua eterna, muda de augúrio; escutar a plenitude da terra nos ruídos familiares das gentes que passam, da água das regas, das vozes tranquilas e fatigadas. Ou ficava, pelo Inverno, ao lume da sala, ouvindo a montanha, exaltado de tempestade. Assim se reagrupava a uma certa verdade profunda de si próprio que não desejava perder — essa verdade revelada nas formas da fúria e solidão.

Mas eis que um dia a mãe perguntou-lhe:

— Porque te não casas?

Mário disparatou:

— Com quem? Com a filha do regedor?

— Não disse isso. Não disse...

— Nem me julgo tão *entrado* que precise já de me arrumar.

A mãe pensou um instante:

— Sim. Não estarás tu *entrado*. Mas podemos estar nós.

Fitava-o profundamente, falando-lhe ao mais oculto de si. E Mário compreendeu. Casar. Dar-lhe um filho. Para ela ter alguém que lhe respondesse depois dele, do lado de cá da vida.

Assim o reconheceu algum tempo depois, nessa manhã de Fevereiro. A neve viera de noite, de surpresa. Quando Mário abriu a janela, a neve caía ainda. Vinha devagar, recolhida, irradiada de espaço, abria em irrealidade a resistência das coisas, reinventando aos homens, milenários sonhos esquecidos... Um instante, Mário ficou a olhá-la, deslumbrado, visitado de memória, antiga, antiga, bruscamente e surdamente como um alarme. Foi então para o lixeiro; mas ao entrar, um aldeão encapotado estacou-o:

— Senhor doutor...

Tinha a face negra de ameaça; mas o olhar era ingénuo de fatalidade, de submissão.

— Diz.

Porém o homem agora hesitava. Olhava a surpresa de Mário, olhava em volta a estúrdia dos rapazes que se atiravam bolas de neve.

— Diz de uma vez!

O homem então decidiu-se:

— Alguém tinha de vir. Foi o seu pai que me pediu. A sua mãe está muito mal.

— Morreu?

O homem baixou os olhos, apanhado em flagrante. Morta. Mário cerrou os olhos, tentando compreender, forçar à normalidade aquela notícia inverosímil. Perguntou por fim:

— Como vieste?

— A cavalo. Trago outro cavalo para o senhor doutor.

Falou com o reitor, partiram imediatamente.

A mãe dormia, serena, com toda a vida escrita na face. Destino esgotado, humildemente cumprido. Mário chamou o pai, mas o velho parecia não o reconhecer, reconhecer a vida que durava ainda em ambos:

— Ainda ontem coseu roupa, passou a ferro. De manhã, ia-se a levantar...

Lá estava realmente a roupa engomada, no tabuleiro, as meias cosidas. Tudo em ordem, tudo arrumado. Destino humilde, executado até ao fim. Nascer, viver, criar um filho, pôr um pouco de ordem nas pequenas coisas, e depois partir.

E no dia seguinte, o céu limpou. Um sol nítido e frio refulgia num azul novo, uma brisa fina soprava dos vastos horizontes de neve. Mário acompanhou a mãe, esperou que tudo se concluísse. Mas quando regressou a casa, a mãe enchia ainda todas as salas da sua presença, desse todo real, íntimo, irreduzível, que sobra ainda de um corpo quando o corpo se ausentou — presença inquietante, tão viva que era já só ameaça de uma incrível e brusca aparição. Como deixar o velho ali só? E decidi:

— O pai vem comigo. Depois se resolve o que há-de fazer.

Ele porém não o ouvia. E pôs-se a recontar a sua história, desde onde lhe começava a ser inverosímil:

— Ainda ontem coseu roupa...

— O pai vem comigo! — teimou Mário.

O velho então ergueu os olhos:

— Fico aqui.

— Aqui como? Não o vou deixar sozinho...

— Fico aqui.

Mário reflectiu, e resolveu ficar também: talvez após alguns dias o pai se recompusesse. Mas não houve tempo para isso. Porque, no dia seguinte, o velho reconhecia submissamente que também para ele tudo se cumprira até ao fim...